

VERSOS
DE
DULCE
DE
MONTALVO



134.3-1Montalvo



Versos de Dulce de
Mentalino.

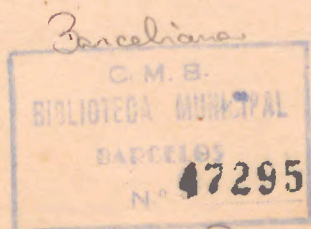
Autos

As fôlhas amarelecem
No amarelo visinho;
Rosas brancas enverdecem,
No rosival do caminho.

Os alêfres passarinhos,
Que logo de madrugada,
Chibrearão nos seus ninhos,
Fugiram em debandada.

Até o bello ribeiro,
Correndo sempre ligeira,
Destisa mais mansamente.

Tudo sente a nostalgia,
Amarga melancolia,
Da natureza dormente.



Quinta do Frasco
Melgoso

Autos de

1933

Peru.

Cruzeiro antigo

O cruzeiro de granito,
Que fica a meio do adro,
Foi n'outro tempo bonito,
Deu austeros e belos quadros.

Fuente d'ele as raparigas,
Folgasãs e frageiteiras,
Cantavam suas cantigas,
Dançavam danças ligeiras.

Quas o tempo foi passando,
E fanceo a fanceo rebando,
Ao cruzeiro fessa beleza.

E agora, velho e crestado,
Pelas eluras lapidado,
Só nos desperta tristeza!

Nume album

Violetas

Violetas perfumadas,
Gracindidas, recatadas,
Subre a fallaçem,
Cór de esperança,
- Cuisen-as Deus foderoso,
Humilde, meigo e bondoso,
A sua imafem,
E semelhança.

Barcelos

Maio
de
1932

As tuas cartas

As tuas cartas são felicidades,
Que caem na minha alma entristecida,
Como ruínas do Templo de Trindades,
Numa tarde outonal, esmaecida.

Talvam de ti e trazem-me cançadas;
Furtam à tua a minha fôrta vida;
Afastam as cruéis realidades;
Alfutam ilusões quasi perdidas.

As tuas cartas - sentidas feridas,
Que baixei, de longe, tu murmuras,
Para eu sentir, sofrer e me alegrar.

- Abençoado sejas, meu amor,
Porque, quando me escreves, fôse a dor,
E a alegria tem em mim morar.

Renascimento

Refundese a alma. O pensamento
Lustria novos céos de ventura.

Os campos têm cor, luz, e frescura;
Torna-se mais brilhante o firmamento.

Eu tenho uma outra sorte; souo aleuto.
Pra loufe os tristes dias de amargura.
Nos mihbas más desejo ter secura,
Felicidade calma, sem tormento.

Vivo da tua vida e teu olhar,
E farei salvador que há-de ficar,
O meu novo destino de amadora.

Nesses corações juntos, como outrora,
Sefivráo amparados, vida fôra,
Nova estrada suave e delitosa.

Aquino

Setembro

de

1934

A Dôr

Tu não esboças a Dôr,
Essa dama misteriosa,
Que apparece pressurosa,
Sem refugio do Amor?!

- Veste de saubria côr,
Sempre triste e chorosa.
Desfaz saubos côr de rosa,
E traz nos luto e amargor.

A Dôr assassina a vida,
Ainda sempre a vida lida,
Perseverando sul e norte.

Peristente companhia,
Tô nos abandona um dia,
Para dar lugar à Morte.

Barcelos

Publicado na
"Gazeta de Coimbra"

Janero
de
1736.

Tédio

9
Fu tanto meu tédio enorme e inelmente,
Apassalar meus dias doloridos,
Que passavam, sem claras de luz evidente,
Sem desfilar tristezas de sentidos.

Tudo é igual e nada é diferente:
Horizontes já velhos, contidos,
O céu azul, o sol brilhante e quente,
~~As mesmas dores, as mesmas feridas.~~
e a mesma ~~lutar~~ - de

Constante que passar de actos e cenas,
Manhãs formosas e tardes amenas,
Que tédio fecharme em mim fazem nascer!

Tudo aborrego, nada me contenta,
Do tempo a marcha é esvovante e lenta.
- Tu estás longe e eu não te posso ver!

Barcelo
Julho de
1925.

— Loufe da vista, junto do coração —

A distancia não é nada,
Para aqueles que se adoram;
Loufe visam, loufe moram,
Com a alma aproximada.

Saberemos que em certo instante,
Somos lembrados de alguém,
E gira vis o rumo bem,
Alegria confortante.

Dizem que loufe da vista
E loufe do coração,
Mas há muito quem persista

Os jezar do afastamento;
Basta amar com devoção,
Pra evitar o esquecimento.

Manterei-o-Velho

Caroquinheira do Campo

Maio de 1964

Tarde na aldeia

Q' vai passando a tarde lentamente
O fumo leve sobe em espirais,
Infinito na colina dos portais,
O lavrador conversa alegremente.

Os dias da semana, São iguais,
Passados em trabalho persistente,
Deram lugar à calma ebluefrescente
Dum deslize de sol e rituais.

Cantam nasceilas pela entrada fria,
As louças, fuma a água, cunha rota,
Q' choram nas finais nos salgueirais.

Abençoada faz de entardecer!
O sol, hirta de luz, vai morrer,
Entre as altas ramagens dos pinhais...

- Casa do Barco -

Manuelito

Outubro de 1934.

1450

Mudança de ano

Ano velho, ano novo,
Hem a passar, outro a vir,
- Saudades a desfolhar-se,
Esperanças a florir.

- Vozes perdendo-se ao leste,
- Cantos que vem aq'ar'cendo,
- Sol a girar-se no Ocidente,
- Mambas de novo nascendo.

Delusões já passadas,
Ilusões a despertar;
Hinas cavidas da mente,
Outras que vem a reentrar.

Velha vida, nova vida,
Constante passar dos dias;
Fuga de antigas tristezas,
Linda de outras alegrias.

Publ. no n.º 1449

Barcelos
Dezembro
de

1781

Senelhaça

Passam febres, em ronda de tristeza,
Pelas ruas da cidade gemumbrosa,
Mostrando a esquelética maquiagem,
Sob a roupa cocada e andrajosa.

Arreastam numa vida de incerteza,
^{de algum grande esforço}
Por estrada viril e pedregosa;
Qualdizendo o destino de cruza,
Que lhes deu essa ^{parte rigorosa} vida dolorosa.

Os febres-enteados da Aleluia,
Batidos pela chuva afrente a fria,
Titam a sua rota de olhos rasos.

Também assim em olhos murcha vida;
Percepção triste e alma combatida,
A mendigar carinhos e afagos.

Daniel
Abil
de
1935.

Heróis do mar

Heróis do mar! leões batalhadores,
Que trabalhais de noite e todo o dia,
Corações inflavados de alegria,
Olhos brilhantes de claros fulgores!

Heróis do mar! afetos aos gemores,
Das curdas, da fidalgo a fúria,
Da tempestade máfica e bravia,
De luto e de fantásticos horrores!

Heróis do mar, valentes, desusados,
Heróis mais bombeiros, mais soldados,
Que dão a vida pelo sepulchral.

- O gemo é fossa enxada favela-fra,
- O barco o maior saulo de ambição,
Com sua fúria vencer o mar gigante.

- aos pescadores da Açúlia
no seu "livro d'ouro".

Açúlia
agosto de
1935.

Amor Louco

O meu amor é febre sem feisada
E avista sem destino certo,
Que corre pelo céu, pelo deserto,
Por todo o Mundo, e não encontra nada.

Asas abertas, alma já causada,
E coração tristonho, mas liberto,
Já se foi de maribundo. E louco, é certo?
Essa felicidade desfezida?

O meu Amor caminha sem saber,
Que perto a si anda este meu querer,
Que perto a mim talvez fôsse feliz.
E assim irá, sozinho, cover mundo,
Para mais tarde vir, já maribundo,
Saber como o amei, quando ele fuiz.

Barcelos

Novembro de

1935.

O maior bem da Humanidade é crer,
Que outra vida melhor se segue a esta.
Que os dias que se passaram não fôrão perda,
Que nos do momentâneo e vao prazer.

A quem tiver mais alto conceber,
A reduçã do mundo não molesta.
E julga o seu folgar ligeira festa,
Que morre para não mais renascer.

Abençoada a fé na Steruidade,
Que aperfeiçoa a alma na Verdade,
E torna o mundo menos seductor!

~~Castiga o erro, o crime, a maldade,
Protege o fobre, o fraco, a lealdade,
E recolle os elitos do Senhor.~~

So nels o pobre encontra fudo abifo
Baralho e a maldade do juizo o seu castigo
Abre o cu e do elitos do Senhor!
de
1786

*O ilustre Destino e minha
Luzida amiga e companheira
Peregrina
(Inferno 10)*

Ser poetisa...

Sou poetisa desde aquele dia,
Sou que tu, com sorriso sedutor,
Que pediste, talvez por zombaria —
Para te dedicar versos de amor.

E eu, humilde crevera que fazia,
Cumprir-me os desejos do Senhor,
Da minha inspiração tua, poesia,
Um livro bello tira de canção.

E desde então fiz versos sem cessar,
Cantando minha dor ou meu pesar,
Fui rimas de ternura e de saudade.

Ser poetisa! — herança torturante,
Que me levou, em tempo já distante,
Um grande amor da minha mocidade!

Barcelos
Dezembro
de
1934.

Améis

- Ter uma casa pequena
à beira d'água fresca;
- Ter a vida serena
Da gente pobre e leuada;

- Tratar, com cuidado e brío,
Des pobres falões de terra,
Que seriam passadio,
As que vivem lá na seira;

- Cuidar das flores miúdas,
Que desfontam desvaidas,
No mais bristico jardim;

- Possuir o teu amor;
- Ajudar-te em teu labor,
E ter-te só para mim.

Paradelmeia
Tray-os-Cruzes
Junho de 1932

A vida

A vida, meu amor, são estes dias,
Que são correndo assim ~~placidamente~~,
Hindos numa esperança renascente,
As coisas desveladas simpáticas..

A vida são tristezas e alegrias,
- Ansios que nessa alma sempre sente,
- Tofo de amor ardendo intensamente,
E chamadas de ilusões e fantasias.

A vida é uma tortura renovada;
E em do quê para acabar do nada,
Ter o farel da boa vida má parte.

A vida é o próprio Deus que nos criou,
E tempo que liat de vir, e o que passou,
E o grandioso prologo da Morte.

Barcelo

Março de
1956.

Constância

Nesta vida tudo passa,
Tudo tem a sua hora;
A alegria, a tristeza,
As lágrimas de quem chora.

Queda, que vem e que vai,
Tem efêmero viver;
Qual que é o passo ou clarão,
A vida é giro a correr.

Tudo que vive se afita,
Desde a asa que se desfita,
Até à vida dos frades,

Tudo que passa; só em mim,
O amor por ti não tem fim,
Não passa, por meus quedos!

Darcos
Dezembro de
1732.

Teu nome

Teu nome é badinha que resfita,
De manhãzinha, à noite, todo o dia,
Como maré e terra melodia,
Que em minha alma fizesse eco infinito.

Teu nome, meu amor, é sol bendito,
É claro sol de esperança e de alegria,
Que tem iluminar a noite fria,
Que me envolve em mel, quando medito.

O teu nome modesto, que se enuncia,
Tem para mim as vibrações dum lino,
O talve dum poema avulsamente.

As murmurações, como em oração,
Que sinto, junto ao meu, teu coração,
É de todo o mundo, toda a gente.

Barcelos
Fevereiro de
1934.

== Igrejas do Minho ==

A nossa gente simples e bondosa,
Uma só coisa se envidice e ufana:
De ter na sua aldeia, bem formosa,
Uma igreja, fuer crua, fuer romana.

Como um brinchiulo linfa e muito avosa,
Lufitada de flor's toda a semana,
Fla e esfelleo en tela luminosa,
Onde se vê passar a vida humana.

Os vellos veem nela o seu passado:
O casamento, a morte, o batizado,
Tudo fue elles deu foro en decifração.

E os moços namorados, as moças,
Dizeren fue só ali lá namarias,
Para o Senhor unir os corações!

A Sara Saudida Vay de Carvalho,
recordando o agradável convívio
do outono de 1932.

Quem fudera.....

Voltar a ser criança, quem fudera!
Quem fudera ignorar a lei da vida,
Que entrar a alegria já perdida,
E julgar toda a gente vã, sincera!

Ganhar o teu risonho, qual firmavara
Que é sempre despeda e agiteida,
E descobrir, fora ^{na} alma ferida,
O bálsamo que cura e refrigera!

Voltar a ser criança desciudada,
Alfres como canto de alvorada,
Canto gais de sol em tarde calma!

E sentir desqueitar no coração,
Um amor, sem firmeza ou ilusão,
Teruo como Deus se como a alma!

Harcelos
Maio de 1936.

Sol de Outubro

à
Mielte

O sol de outubro é triste e desolado,
Como o brilho dos olhos de um doente;
Afafa de mansuetos, com cidades,
A natureza falida e doemente.

Surge de madrugada enervado,
E caminha suave e lentamente,
Seguindo o seu roteiro continuado,
Em busca de descanso no Ocidente.

Apúia pelos campos, pelos montes,
Detém-se a ouvir o cántico das fontes,
E desfaz da neblina o denso véu.

O sol de outubro aparece sem fulgor.
Tem a doçura amena do luar.
E carícia de Deus ainda do céu.

Publicado
no
"Paralaxe"

Paralaxe
Dezembro de 1935

Volúvel

O que sinto por ti? Vêdis, desdém...
— Se eu sou volúvel como o pensamento,
Não admira que tanto afastamento,
Que fizesse olvidar o amor, o Bem...

Partei de ti, mas sinto, mas alguém,
Também o teu lugar num só momento,
E fez nascer em mim o esquecimento,
Dos bons momentos que o passado tem.

Esqueci-te deusas, fadas, vãs.
Era volúvel já, no teu dizer,
Agora sou-o, também, a rigor.

Mas fica para ti uma esperança:
— Se eu sou assim tão fácil na mudança,
Posso voltar de novo a ter-te amor!...

Barcelona,
Julho de 1934.

Publicado
no
"Barcelone"

== Realza ==

Eu sou uma grãmba foderosa.

Tenho tudo a meus pés em passagem;
O perfume dos cravos e da rosa,
Carícias do suor, do sal, da aragem.

A água cristalina e murmurosa,
Matar-me a sede, em tardes de estiafem,
E a lenha febreruda e carunchosa,
Afuera-me das costas de friagem.

Cantam os gauchinhos p'ra meu prazer;
Feino a água na azuleia p'ra meir,
O lairo cunho que me dá o fião!

Tudo trabalha assim em meu favor;
"Da Natureza o Homem é Senhor,
Todos nós somos reis da Guacá!"

Barcelo

Maio de 1936.

1.º de Dezembro

Portugal

Quem é que não tem orgulho
E abençoada vaidade,
De nascer neste país,
Tudo sol e claridade?

Quem é que não sente amor
Pela terra portuguesa,
Cheia de trigo e frescor,
Cheia de encanto e beleza?

Sor esta terra bendita,
Berço de santos - guerreiros,
De feitos e cruzadas,
Que da fé foram guerreiros.

Terra de lindas ideias,
De D. Nuno e de Camões,
Cuja história é revivida
De brilhantes tradições.

Terra de Santa Maria
Bem sadada por Jesus,
Cuide e defendida das bouvistas
Sempre audev unida à Cruz.

Terra de Isabel Rainha
— a dos mares mil e mais —
Do bendito Santo António,
E do Infante de Sagres.

Terra de espedieira e coulis,
Que nas frias caravelas,
Foi a confusão do mundo,
Teceu quebras e procelas.

Terra cobre, altiva e bela
Desde sempre gloriosa,
A quem Deus deu o brasão
De Fátima milagrosa.

Terra linda do Ocidente,
Acudiegadinha ao mar!
Tudo que nela nasceu
É feito ... sabe amar.

Sabe amar a Natureza,
Os seus altaeiros montes,
A ardura de seus grades,
O cantar das suas felizes.

Sabe amar os largos campos
Matizados pelas flores,
Os ribeiros sussurantes,
Os frescos de mil côres.

Sabe amar as romarias,
— Onde o feto folga e dança —
Da Senhora d'Alfama,
Ou da Virgem da Bonança.

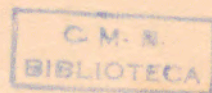
As erudições da terra!
As igrejas das aldeias!
O acudido do lar!
A luz santa das caudeias!

Os encantos da fidade,
O traje das lavradeiras;
As velas frosincianas,
O crepitar das fogueiras!

O português é poeta,
O fidalgo ou aldeão,
Amor toda a sua terra,
Sem ternura e descação.

Não desquise um só cantinho
Do seu país bem-amado.
Respeite-lhe as tradições,
E as reliquias do passado.

Para ele tudo é lindo,
Sob o céu de Portugal,
O país do Sol, do Juro —
Que o poder cabio e infinito
Do Nosso Deus imortal,
Transferiu em paraíso!



Trabalho
Março de 1936.

— Enigma —

O que sou eu, e tu, e toda a gente?
Grãos d'areia no immenso mar da vida,
Que Deus, com seu poder omnipotente,
Quem fiara entre terra prometida.

Pobre verme gastero e indigente,
O nosso corpo sopra a árdua vida,
De refletir na terra, tristemente,
Por faltar a a ordem recebida.

Seu o fucado Guate, original,
Qual seria o destino do Quartal
Que no mundo labuta, sopra e chora?

Quem pôde admirar, prever sequer,
O que seria a vida da mulher
Se não fosse tentada nessa hora?!!!

Ai Maria Augusta Mascarenhas
de Magalhães Duarte Gerald.

Duarte
Abril de 1936.

Dualismo

Eu tenho uma alma estranha, indcifrável,
De perturbante sensibilidade;
Alma que sente o amor e a amizade
Tem um grau que é tão perfeito como insustentável.

Eu tenho uma alma louca, insustentável
De ternura, carinho e lealdade;
Alma que brilha em halos de verdade,
E por isso do mal é questionável.

Quem a criou assim nesta incerteza
Tem misto de faldade e de beleza,
Ora boa, ora má e traçoira?

Entre duas tendências colocada
Eu prefero a ruim mesmo deslizada,
Qual seja a minha alma verdadeira?!!!

A Declamadora ^a Mabel
Paulina

Via surgir no falco deslumbrante,
Toda de azul, da cor da noite calma,
Com um sorriso leve, cativante,
Vibrando a cada afluente, a cada falma.

Começou a falar; no mesmo instante
Fulguei ver resurgir o próprio Talma;
No gesto, no olhar, na voz vibrante,
Perpassara o sentir da própria alma.

Disse versos de amor, rimas saudosas,
Fas suas mãos esfrias, dolorosas,
Huiram-se com o gesto de amargura...

Nesse lancejo de emoção qual
Eu li todo o poema emocional,
Da sua vida sobre, ativa e furva!

Mais
de
1936.

Cabelos Brancos

Meu amor: porque te queixas
De ver surgir nos madrisas
Do teu cabelo ondulado,
Nos fios de neve,
Que se abalham ao de leve
Esses rios acastanhados?

Não lamentes a chegada
Dessa suave nevada,
Que recibes cada dia;
Porque em ti tal firmeza,
Dá um encanto maior
À tua fisionomia.

Cabelos brancos em ti
Quando a tua boca ri
E teu olhar brilha altivo,
Não indicam - que velice! -
Que se aproxima a vellice
Sem a ela dar motivo!

Tu és novo, meu amor,
Teus forças, juíz e valor;
É alguém tua humanidade.
Que importa que venha o outono
Da vida, se tu és deus
De ferrem mocidade?

Não temas ao ver-te assium.
Gem fi na vida e em mim;
— Sabes que nunca te sumto —
Nem que te mire, vellembos
Te divertaria o carinhoso
E a affeição que por ti sinto.

Os tem cabelos nevados,
Que te trajem mil cuidados,
Para mim vellembos me das
Fôrto de te sumto mais,
Do ver tem elles leais
Saudarem-me o coração.

Não receies que te esfrega,
Ou que o amor se desvanega
Como o fumo da lareira.
Porque o que em ti me prende,
— a alma que Deus te deu —
E jorrem a vida inteira.

Audombras

Vêo as Voltas de creta, alegremente,
Qu'bandos ou as farsas desfolhadas,
Procurando na sombra dos telhados,
Abrigo contra o sol da tarde quente.

E fazem os seus milis, novamente
Numa tarefa árdua, em mil cidades,
Como um casal de cretas - namorados
Preparando o seu lar solenemente.

E assim sempre em cada primavera
Vêo as chegar, e d'isso - vá primavera!
Que um dia também tu liás de voltar.

Quas farsas a primavera, surge o outono
E tu pressentes no teu abandono
E audombras quas não de avistar!...

23/
3/
930.

Vad' auceiro

Como as ondas do mar que vêm e vão,
Oto meusus sempre arrado marullhar,
Arrim do meu estranho coração
Partem a ilusão para voltar.

Surfe alguém a meu lado - com meusas,
Fulgo sobre amizade deivar,
Lutro - que ao prazer dessa afeição,
E fia fim se a vir - se a terminar.

Sentindo toda a fama de meusas,
Tu despiro e dirico os coração,
Mas a ilusão apenas dura um dia!

Arrim sigo na vida só e triste,
Buscando a alma-irmã, que não existe
Sera na minha vida fantaria!...

Maio de
1936.

Sen fqueta

O brasoal do fqueta é superior,
A todos os brasoais da fidalguia,
Porque é feito de seu real valor,
E não mira mercê, rá soberania.

O fqueta é senhor da luz, do dia,
Dos horos, da Beleza e da Dôr;
Por sentimentos tem soberania,
Sabe cantar os dons do Criador.

Transforma a Natureza em paraíso;
Dulcifica a tristeza num sorriso,
E torna a vida bela, altiva e vã.

No reino abençoado Portugal,
Fedor damos fquetas por igual,
De corações sensíveis e alma irma!

Junho 18
1936.

Sumo Ideal

Como um cigarrillo fobre e abandonado,
Ando na vida em busca de Ideal,
E meu bordão, de lágrima feruado,
Traco no mundo um rápido canal.

Quem me dará o pão abençoado,
Que mate a minha fome espiritual?
Quem será o profeta revelado,
Que meu anseio tornará real?

- O Pintor, o Filósofo, e Poeta?
O Gerador do Som ou o Esteta
Quilates da Harmonia e da Beleza?

Responde dentro em mim a consciência:
So Deus que é Sumo Bem, Suma Ciência,
E Ideal de máxima grandeza!

Julho
de
1936.

Pôr do Sol

à minha
melhor amiga
- afetuosamente.

Peçutes da beira-mar,
fandam-nos a admirar,
as belezas do secular:
- O céu azul, luminoso,
O ar que passa amoroso,
Caminhos no seu labor;

... Areia, fina, dobrada,
Pelo sol purpurinada;
... Tempo de calma e bonança;
... Cuidas breves, quefuerinas,
- Como ilusões de meninas
- Como sonhos de criança;

... Vagas alterosas, fortes,
- Que trazem consigo ventos
- Que levam consigo dores;
... Remédios seculares,
Cuide a eterna lei dos mares,
(sem esgarçar seus juniores);

Tudo enfim fui nos vedere,
Que o copacal incerteza,
Seu charmas de sentimento,
- E origem do fim do dia.
.....
... Poema de grã magia!...
... Aposen do encantamento!...

Publicado na Página Literária
do "Notícias de Fátima"

Do meu pente

à minha frequentíssima
amiga Dora Graziela Tran-
tes de Almeida.

Deliciosa bonequinha,
- Armada de encantos belos -
Reine aos meus singelos,
À graça de uma rainha.

Bentil, linda, graciosa,
Redrada de carinhos,
Amada pelo paisinho,
Zelada por mãe bendosa,

Inspira, a quem quer que seja,
Fidelidade admirável;
Levando-a, meu coração
À Ventura e ao desejo.

afeto
1933

Publicado

no "Notícia de Família"

— a guitarra portuguesa —

Trovas

Troadora de tristeza,
a guitarra portuguesa,
— De sentir doce e profundo —
acompanha os emigrantes,
vai longe, a terras distantes,
florar saudades ao mundo.

Teme trovas amorosas,
— sem essas rãs medrosas
ao armelhar nos paubais —
desfia de ilusões,
E mágoas dos corações,
E das almas dos mortais.

Levanta noites coimbrãs,
moçilas frescas, longas,
cantoras de namorados;
festivas e jovias,
cafelinhas albadias,
Fandangos d'axes lavadas.

Fala-nos de Portugal,
Do céu azul sem igual
Que é o céu da nossa terra;
Das maravilhas, rufeyas,
Encantadoras belezas,
Que no seio facto encara...

Encontradora de tristezas,
a guitarra portuguesa,
- sabe bem interpretar:
Os sentimentos que temos,
Os horizontes que vemos,
- F Portugal a vibrar!

Publicado
na
"Fénix"

8/Dez./1933.

Neirado

Adejam fambas brancas nes fambais,
Neirado eternamente evanoradas.
E cada dia as flôres dos faranfais,
Perfumam deslumbrantes madrugadas.

E' tempo de neirado, de espousais,
Palpitam nosas almas pertubadas.
Flôr, lidas, formam-se neis,
E lembranças cruéis, ras dividadas.

Judo canta a alegria de viver!
Judo é riso, ternura, bem-querer!
- Só eu sei quanto a sorte é dura e crua!

- A quem diz meu coração malsado:
Falta, saudade-evanorado,
Espiritualmenteerei tua!...

Garalo
Julho de 1931.

Vaticínio

Buscavo nos teus olhos esse amor,
Que me juraste outrora dedicar,
E vejo-os frios, calvos, qual luar,
Trabalhando a terra em vão sem calor.

Perderam o seu brilho, o seu fulgor,
Como o sol que escuro ao desmoronar;
E já não têm o doce de alabar,
Do beijo que juraste com ardeor.

Teus olhos fazem festa dos meus olhos.
Deixam-me lá só com penas e abelhas,
Fralto e pensamento em triste veu.

Quas um dia lárd', eu fui também
Teu refúgio, com pesar, no olhar de alguém,
A indiferença que encontrei no teu!

Francisco

Novembro de 1935

Soneto

A Margarida Lopes d'Almeida
juizuel, delamadora e es-
cultora, formadora das
"mãos mais lindas do mi-
sero no dizer dum ar-
tista francez.

Mãos enfiadas, formosas, divindas,
como Graças fetales de rosa,
como asas de atenta demaivosa,
Graçando longos raios austerais!

Mãos de artista de creações reais,
que dá ao barro forma primorosa,
forma transformações esplendorosa,
de ideias belas em obras geniais!

Mãos crismadas gáulhas do Universo,
que dão alento e alma a qualquer verso,
modelando irreais asfirações!...

Continuai essa jornada de arte,
de levar ao mundo, a toda a frente,
sem medo mundo de altas eufrações!.....

Na sua passagem pelo Porto
em Abril de 1934.

Destino.....

Fui deficiente já nos livros lida,
fendas, ruínas de amoroso emido;
E minha mente começou bem cedo,
a ferocitar o que o amor seria.

E fui crescendo. Veio adolescência
fugada de sonhos e primeiras.
Idealizada, sem sentir devida,
fui sobre amor eucanto da existência!

Passaram corações junto do meu,
mas o seu gozo nunca me aficceu,
E como estatua insensível ficara.

Porque quanto fui altera e fria?
Porque só teu amor me aficceu?
Porque era o teu amor que eu esperava?

Figueira da Foz

Verão de 1932

Seguêdo

Como violeta simples e modesta,
Que esconde o seu perfume com cuidado,
Assim o meu amor se tem guardado,
E a ley do teu olhar não o desluta.

Jogo no coração a lepre festa.
Nos lábios o teu nome bem amado;
E se vejo com sombras o passado,
No futuro a esperança é manifesta.

Quando te precisa, assim a vejo,
Guardando com cuidado o meu segredo,
Quem fide descobrir o nome teu?

— Só o meu segredo Principe Lucoberto!
Só eu te posso dar um nome certo,
E eu guardo ataradamente o que é só meu

Barcelos
Dezembro de 1933.

— Fúfim ... —

Perdi a fé em ti, no teu amor.
Voltaste a ser "o homem que passou",
cujo nome sem brilho nem fulgor,
meu coração de si já apafou.

Não tens autoridade de censor,
pra ^{hoje me} ~~me~~ julgar, tal qual sou,
porque és o teu orfão "do penhor",
preferiu triunfar, não se curou.

Queria ter poder de soberano;
Passar neste folgar, aos adios aos,
desperdiçando a vida que te presta.

Soçorava já liberto das algemas,
Desprezo o teu amor sem laços feios,
Minha alma francamente te detesta.

Bonaldo

abril de 1936.

Mosteiro da Batalha

Oli Batalha de pedra rendilhada,
Prepositório da mais alta glória,
Do nome português, da nossa história,
Da qual tu és a página sagrada!

Oli Batalha de feitos proscada,
De feitos que nos deram a vitória;
Tu herdaste a nobre memória,
De quem teigia a fuz ardeudo a Sinfada!

Sub as tuas arcadas seculares,
Prepensam, em moradas sumulares,
Heróis que a nossa Pátria tem creada.

Nobre figura, de alta realza,
E um constante lumide, sem crebra,
Que honrou a tua fardo de soldado.

Na Batalha
em 12 de julho de 1935.

1919

Vilancete

De tudo que tua mente,
E tem alma e coração,
Meu amor, por que negar,
O teu nunca se apresenta?

As pedras, a flor, o mar,
Tem sensibilidade,
E só tu pões negar,
Tua lei, tua verdade.

Inda mais a creatura;
Tran-te feroz e confarar,
Se fôr a pedra mais dura,
E a quezimo é de quebrar.

E tu gigante - gigante,
Fazes jul a morte da alma
Trás teu morada no céu,
Por que lá... só entra a alma.

Barcelo
Setembro de
1928

— Confissões —

De Verdade, chorei, mas não por ti;
Chorei por meu amor desfechado,
Chorei por esses dias que perdi,
Num culto de ideal mal empregado.

As saudades amargas que senti,
Ao exalar-se o seu bem-amado,
Que eu em um longo leito construí,
— Tras-te ao dor, ofertei-as ao Passado.

De Verdade, chorei, mas só por mim,
Por ver meu alto anjo ter seu fim,
Entre o sarcasmo duma gargalhada:

Chorei pelo que fui e sou agora,
Pelas ridículas ilusões de outrora,
E pela minha vida destrazada.....

Darcelos
Junho de 1936.

Desilusões

Souhos da mocidade não os tenho,
Porque é triste esta minha juventude.
O mundo é falso e mau, fôrma me ilude,
Com artificios de vulgar engenho.

A vida é labirintico desenhos,
E digo pelo seu lado mais verde,
Fando aqui e além, sem que me ajude,
Jura só não a suportar o leuho.

Os ilusões que tem a mocidade,
Quendo no amor e crendo na amizade,
Já encontram lyfar na minha mente.

- Sou a Bruxa dum País Oublado,
Que vê fortuna e dor em qualquer lado,
Deslealdade e ódio em toda a gente!

Jacobs

abril de 1936.

A amizade

A amizade é sentimento forte,
Que envolve a nossa vida em ternos laços,
Como de velhas liras o abraço,
Nunca desfeito mesmo em frente à morte.

Amigara as nossas almas; é seu norte.
Quia nos neste mundo fasso a fasso,
Háo caminheiro morto de cansado,
Justifica as afunras da má sorte.

- De tantos sentimentos bons da vida,
Só o amor é cantado em voz sentida,
Em versos de ternura e de candade!

- Quas sup'ior a esse "Deus do mundo",
Há um sentir mais nobre e mais profundo
Com o bendito nome de amizade.

A minha melhor amiga
- com a minha eterna
Dorcelos
Amélia de
1934

Semelhança

O meu amor é forte como o mar,
Tem arreiros de upira leonina,
Libra, rega, e torna-se "afundar",
Num passageiro avião de merina.

Seu andar de pureza cristalina,
As ilusões na frente, ao desfeitar,
Flebram profunda abstratamente, fina,
Ficando ruidas num doce respirar.

Fam meu sentir o mar tem semelhança,
No tempestade agreste ou em baranca,
Chorando de massimbo ou a girar.

Fama iguais, intemos a saber.
Ele é profundo como o meu querer!
Eu sou constante como o próprio mar!

Figuira da Toz

Verão de 1932

Credo

Eu creio em ti; eu creio, meu amor,
No teu olhar triste e veivado,
Como um retalho de luar magrado,
Perdido em qualquer noite de luar.

Eu creio no teu dizer com fervor,
De versos amores, dedicados;
Eu creio no sefredo-adisturbado,
Que tua boca cala por fuder.

Eu creio em teu espirito de artista;
Na tua sorte ingrata, fatalista;
Mas creações que dás ao mundo vai!

Eu creio em tudo que de ti partir,
Seis vezes mais, teu igual sentir
E ambos vivos de um só coração!

Darcelos

Outubro de 1932

Lucas

a um filho

Como te conheci? - Lembra-me ainda.
Foi há anos, na praia, em pleno aperto,
A lera mutilante do sol forte
Ao decuoiar de tarde amarela e linda.

A lér, qual presente a tua vida;
E ao dar assim contigo, resto a resto,
Senti em mim um líquido desgosto
Uma amargura dolorosa, infusa...

Quebrara-se o encanto da leitura;
Teu intruso vira. Com censura
Levanto os olhos, ... vejo a tua tela.

- Lembrete-me, porvi, e nesse instante,
Fu a eu ti a imagem cativante,
Que mostrava em frágua novela.

Fígura da Foz.
Agosto de 1932

Cracal de amor

Tua imagem renasce, torna culto,
ante a Quilua alma fobre e desolada,
E este inenno amor que trago oculto,
Tem o brilho cirescente da alvorada.

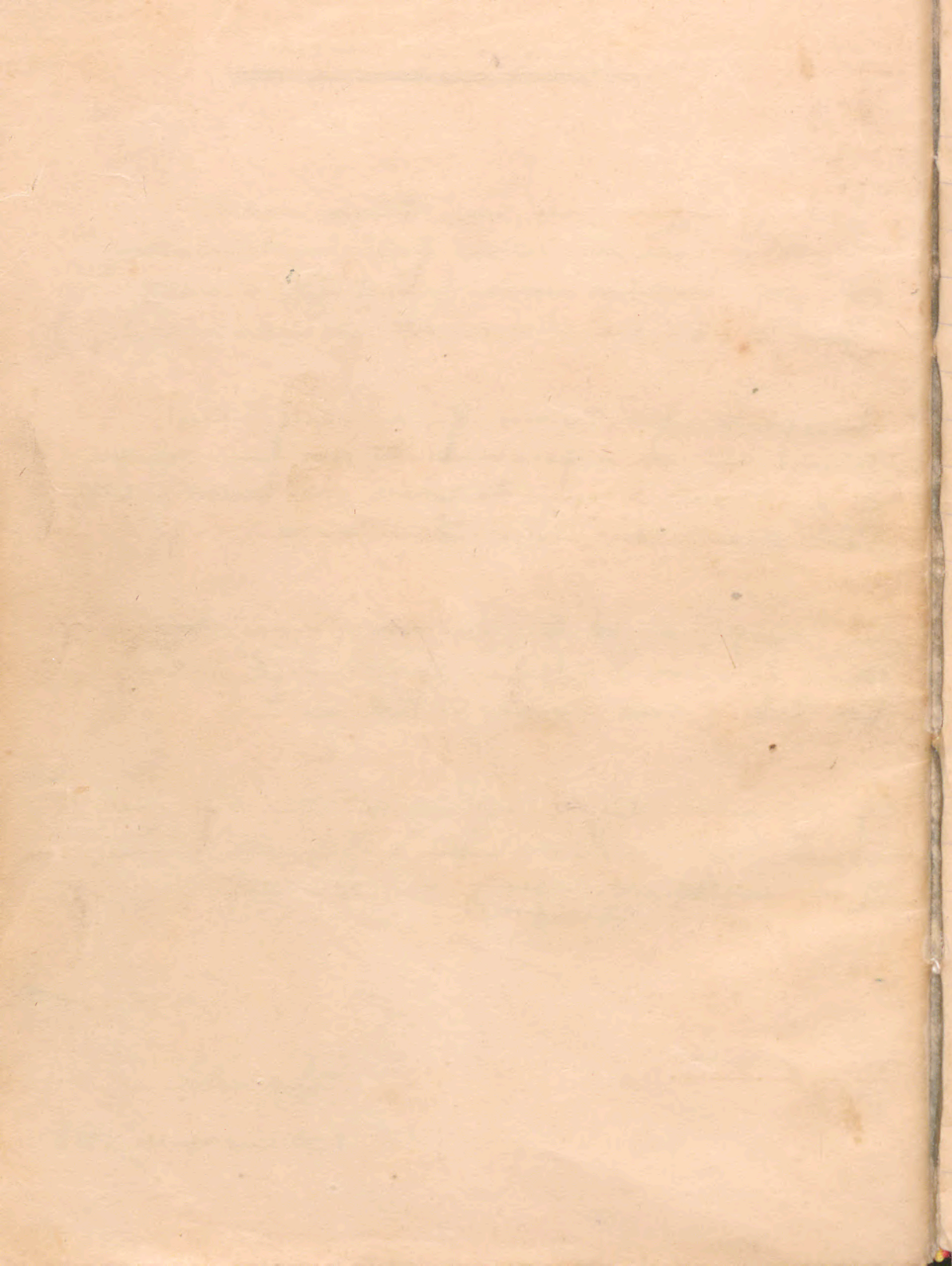
Deixaste por mim ficar sepulto
Nun mar de esquecimentos, por um nada,
E em Quais e Quais te quero em louco culto,
Dese ideal da vida torturada.

De longe, dizem tu, em voz sumida:
Que fui eu? - Uma página já lida,
Por tua vaidade gelidosa.

E Quilua voz responde com fervor:
"Tu és na Quilua vida" o grande amor,
Que nos torna infeliz de venturosa.

Barcelo

Novembro de 1931.



Vibrações

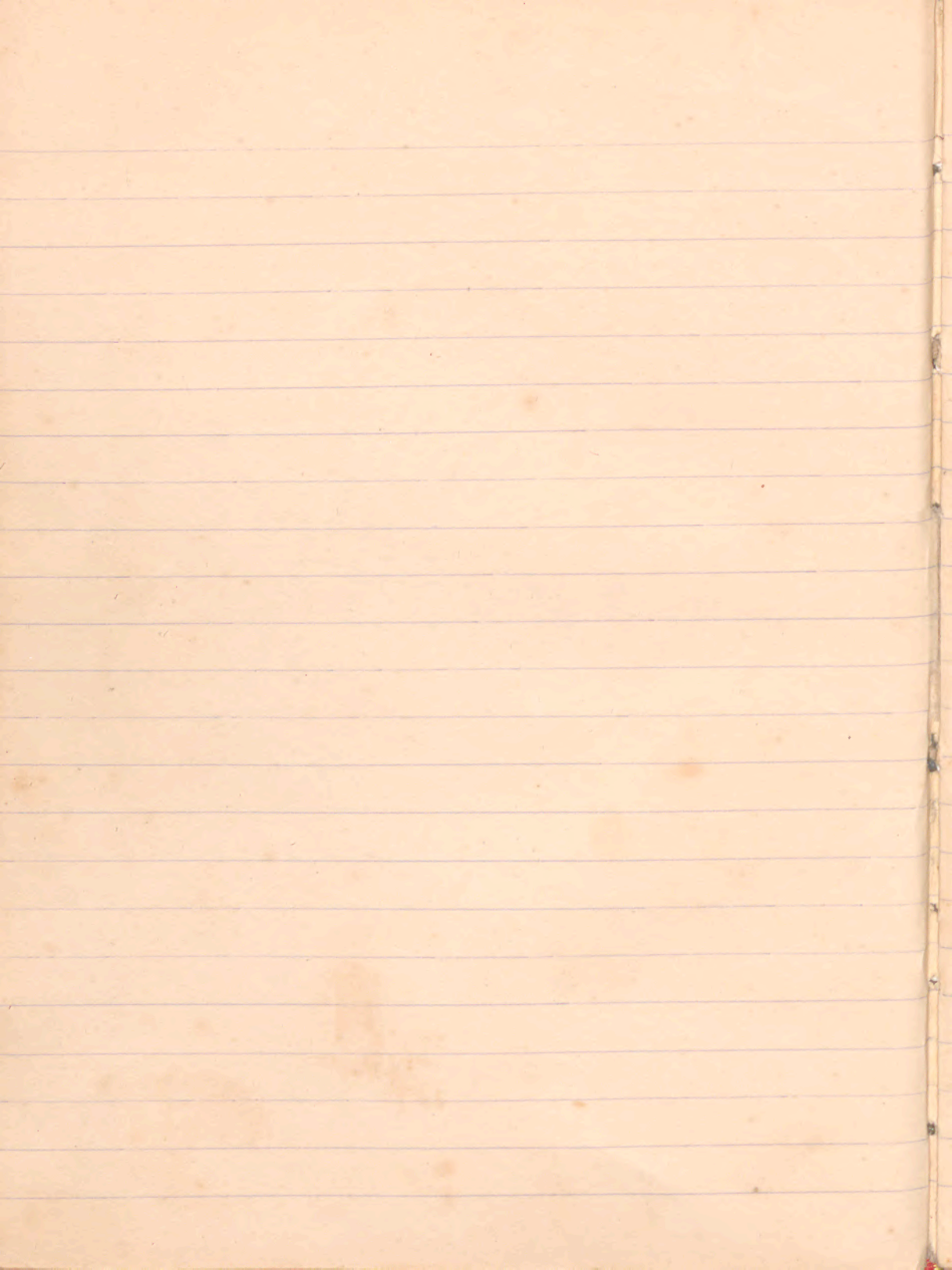
da

Vida

(Versos)

Julia de Castalho

Setembro de 1926.



Via dolorosa

A vida é dolorosa e traiçoeira,
 Para quem segue ao, sem ter um fim;
 Eu espero que te fixe caminhar,
 Bem juntos um ao outro a vida inteira.

Assim, associadas, derrogam,
 Vamos subir a ingrata ladeira
 Até que seja a hora derradeira
 - A hora de morrer e descansar.

Não teulas medo amor deforma farsa
 O vendaval da dor e da derrogação
 E agora amora purgará um dia...

Apesar esta vida analisada
 Nem se a joia, coisa e nada
 E transição veloz e fugidia...

João

Minha casa perfumada...

Minha casa perfumada
Perfumada de lilaz
Dos meus tempos de menina
Dos teus tempos de rapaz.

Minha casa bem cuidada
Com tua saudade te vejo
Quando passo pela estrada
Desse humilde lugarinho.

Minha casa perfumada
Aonde brincamos os dois
Vendo ao longe na campina
Aparceiros nossos bois.

Minha casa, nossa casa,
Já futuro que sonhamos
Como o tempo tudo avança
Como nós ambos mudamos.

Minha casa a brancura
Entre campos verdejantes
Quem que dia regressar
Ser de novo o que fui antes.

Minha casa onde passei
O melhor da existência
Nunca outra encontrarei
A mesma felicidade!

Devi

Desprezo

Passo indiferente a tudo quanto existe
a tudo que me vem do semelhante
do amor esse Deus insinuante
afuera o coração nunca resiste.

Desprezo tudo que é insano ou triste
a terra magestosa, o mar gigante
a água cristalina, o sol brilhante
Tudo que passa e tudo que persiste.

Desprezo a decantada Primavera
a Fantasia, os Sonhos, a Quimera
O perfume da flor, a voz do mar.

Desprezo a simpatia que me das
a Misericórdia, o Poder, a Educação
Só não desprezo a luz do teu olhar.

Liberta! ✦

Despedacei-lá quanto a minha lira
Que cantava o amor que por ti tinha
Acabou-se a fortuna má, daninha,
Dê-me fúer que outra a ti me venha.

Volta a alegria que de mim partira
A esperança de não me enganaria
Calço a sandálie aos pés, para a grávia
Do coração que lá dentro me fugira.

Sou lira como a arte, como o vento,
Despedacei os grades do canteiro
Do meu canteiro da melancolia

Olhos fitos em quíntos ideais
Sou canção liberta e triunfal
Para o país do Solho e da Alegria!

Sombra do Passado

Afuelle feio antigo, senhorial
De nobres tradiçõs e singularidade
Tem um estranho encanto do Passado
Faz-me lembrar o velho Portugal.

Nô seu terreno airoso, brasonado,
Nessa ainda o eis, o seu senhorial,
Das hostes de qualquer senhor feudal
Que partiu para a guerra a ser soldado.

Em suas janelas altas, geminadas,
Em fulgo vê-se traços alviradas
Da castelã alta e senhadora

Que adorando um plebeu, um chorador,
Quizera em holocausto ao seu amor
Transformar-se em humilhada pastora.

O Ferocissimo

Leitui na parte escura e feneumbrosa
Onde o sol vai a cuido e a luz se escoa
Numa caricia leve, amena e boa
Como de sua amiga e carinhosa.

Abobadas de pedra onde gressoa
A lira de fante e a voz famosa
Do fuma de cobre alma valerosa
Que a patria deu das Indias a coroa.

Santuário ~~xxx~~ ~~xxxx~~, da fente lusitana
Que de vassou o mar, correu a fave
As terras orientais a lerar deus.

A fe unida a historia a fui nos diz
Que a nobreza maior deste fain
Nao e poder humano, e' dom do ceus.

Recordando

Foi numa noite ainda de luar
Embriana flúvio de mãos unidas
- Suas mãos dolentes, combatidas
Que faziam paper, canfin... canfin.

Como um far de arêta succumbida
Sem olhos procuraram quem olhos
E senti tua boca gressar
Nas minhas mãos esquias, doloridas

Passou o tempo, a vida; abriu-se o céu
Nada existia a não ser tu e eu
Nem êxtase de paulo e nostalgia

Que amor, que ternura, que saudade
Tu senti ao evocar a qualidade
Dessa noite de encanto e de magia

Riquelme

Nos tempos do feudalismo,
De heróis,
E valor,
As rainhas e princesas,
Iram fiéis,
De Cupido tentados.

Quas aos guerreiros de fama
- Valentes e desobedientes -
Correndo por sua dama,
Os perigos suas susadas,

Preferiam aventuras,
E fogos e trovoadas,
Que lhes ditavam as leis
Do coração, dos amores.

E embora tendo "seu" -
- Um esposo grande e nobre -
Suas almas, seu amor,
Iram do fogo fobro.

Bivernulas doctas eras,
Juda douas eucantada,
Pelas quaras baladas
Dissas cultoras de fumeiras;

Quantas deute vs pensam
Jucas brocadas e airo,
E joias que refulgiam,
No vesso cabels leiros,

Pela trajes de perquella
Da quaras luvilde perrais,
Para ter a quaratella,
Do amor e uma cabana !?!

Setembro de 1936.

Deu

Ser febre

Ser febre não é ter falta de quê.
Não é querer o mundo e não ter nada
Ou ter insatisfeita alta ambição,
Digna vida de Jesus consumada.

Ser febre não é ter a quiraçaal,
Da gagueira e da parte desajada;
Nem é papaver a dor da humilhação.
Ser febre, é ter amor não sendo amada!

Rio de Janeiro
Set. 1936.

6 cartas

Dá meio-dia ao longe, eis-o chegar
Benachinas e calus, sem cuidados,
Com noças de Jesus encasteladas,
E cartas pelo meio a branquejar.

Quantos saúdos de amor viras guardad
Nessas cartas que acaba de entregar
Quanta alegria e dor ãe vem dar
A quem espera cartas dos amados?!
A

E é sempre aguardado com ansio;
Qual desfonta na esquina "ella o correio!"
Atisa o abraço a qualq'itar.

Quas puanta vez tambem, - parte lograda
Nós o vimos passar sem trazer nada,
Mas nos cansando nunca de esperar...

A Nossa casa /

A Nossa casa é sempre linda e boa
Que seja uma chanchana fobresinha
Construída depressa, jáni à toa
Que seja um fialacete de alto, lúbia.

A Nossa casa é o deto que abengoa,
Que nos acalma, que nos acarinha;
Que importa que ela tenha uma corôa
Que seja fobre, quintica e vilzinha?

A Nossa casa - facho de sabreza
Palácio recamado de guiferza
Com moradia simples e modesta

É sempre a Nossa casa, o Nosso lar,
Onde todos queremos acabar
Quando outra vida suceder a esta.

Partir

X

14/19

Digo-te adem com calma, com coragem,
Ollas enxutas, lábios a servir.

Que vale para nós uma viagem
Se nunca, alma contigo se partir?

Partido fica em mim a tua imagem
O som da tua voz, o teu sentir,
O convívio da tua vassalagem,
E dos dias felizes que não se vir.

Separados? não creias que falta
Go' está longe quem não tem amor
Quem não tem fé nos corações leais.

Se chegarmos ao breve apartamento
Se chorarmos a ausência dum momento
Que fará quem partir já nunca mais?

Em busca do Ideal

Teus coridos o mundo, teus andado,
Por caminhos difíceis, tortuosos;
Teus perfidos gestos luminosos
Em busca do meu Príncipe Encantado.

Teus sentidos anímis dolorosos.
Teus coridos o mundo lado a lado.
E que mais me procure o meu amado,
Neste apenas fantasma horreroso.

Meu Ideal tão alto, tão perfeito,
Como a crêr que só dentro do peito,
Pode brotar, crescer e refletir...

Porque nos corações que se me entregam,
Só vejo fialidades que me negam,
E que em ambicionaria possuir...

O Mundo

Quem viu o Mundo uma vez
- Quem seja ou não português -
Fica fã e sempre encantado;
Porque o Mundo é um paraíso,
Um coraçã, um sorriso,
Uma cantiga, um bailado.

Nas alegres gnomarias,
Os Maniás e as Marianas,
Nos líquidos, falantes,
Das airozas, coradas,
De longa e mais gredada,
Formam-se montes-avantes.

Dedicado a D. Mercedes del Partello Vila
na casa do Monte, em 17/ Setembro/1936.

Onde está a felicidade

É um casal unido e abençoado

Pelo Senhor que tudo manda e cria.

Ela era forte e humilde — uma Maria

A Maria mais linda do mercado.

Foi adorada como a luz do dia
Pelo povo magico e profetado
Que a morte lhe guardara, no cirado
E a procurara em toda a paravaria.

Era linda e bondosa — uma creança,

Que só queria vida calma e paz.

É um amor real e verdadeiro

Despediram a gifyza e foi casar

Com o mais magico e profetado lugar.

— E dizem que a Ventura é ter divinos!

Poder Perdido

Já não têm vida as mãos, mãos esfriadas
Que tu amavas com quente unção,
Sem o calor da tua delicada
Ficam agora abandonadas, frias.

As mãos que tu tinham pedicada
E friamente, mais de outras bradas,
Entendem-se hoje frias e raras
A mendigar um pouco de afeição.

Mãos, mãos de princesa de labada
Que te chamaste um dia "mãos de fada"
Foram-se desceres sem valor.

Já não sabem tecer os ilusões
Que prenderam os nossos corações
Num fugidivo e torturante amor.

E nas noites de infelizada,
Quando as esfingas deiradas,
Parecem airo de lei —,
Quantas promessas e juras
Fecem empês futuras,
Haura e nobreza da Fui!?!

Neste Mundo da descante,
Onde os grades verdifantes,
Se materializam de lilays,
Sab' qual pás e Verdadeiras
As almas das latrademas,
E os coraçõs dos raqfajes.

Jorra linda e barangara,
Onde a água quimiorosa,
Luche tudo de frescura;
Pelas dan' que Deu lhe deu,
E um cantigo do céu,
Onde reside a Ventura.

Defendência

Deixei de amarte lá muito, muito aus,
Lafuaci tuas feras, teu amor;
Perdente para mim todo o blor,
Só me deixaste fobre, desregrados.

Atendi-me em cuidados, bem insanos,
Procuri neste mundo outros mentos,
E deixei que fugido tentador,
Que causasse entreas feras, outros danos.

Vida e amei; senti vosa venturas,
Suportei vosa dor, vosa torturas,
Ausências e tristezas ... abandonos...

Mas sabes? em segredo vou dizer-te
As vez, só de amir-te, só de ser-te,
Sinto que ainda hoje és ~~o~~ meu amor!

Quando ¹Ele chega.....

Fence a tarde. O sol almeu no mar
Biscuna sem descanso e calvaria
Meu Deus! há quantos dias não o via,
A Ele, ao meu Deus que vai chegar?

Toda a maravilhosa poesia
Do fim do sol, da tarde a declinar
Foi criada por um só olhar
De Ele, do meu Deus, minha alegria

O sol vai esconder-se, fenece,
Nã tarde a noite a vir escurecer
A terra, o céu, o largo mar sem fim.

Quas fue me imperta a terra, a escuridad,
Se sem ellas repletas de enocas
E claro sol brilhando sobre mim?!.....

Para onde ?

Ando no mundo sem destino certo

Ando na Terra a perscrutar o céu

E meu olhar de lágrimas coberto

Reflete um Saulo lindo que morreu.

Quem me abriu um caminho Das incertas

Esta parte Das nuvens firmes Qu'a deu

Estreito os braços e o Ideal liberta

Fogo de mim como da cruz o altar.

Meus passos demorados e dolentes

Lembranças o desmaiar de tardes finitas

- Meu fôr de sel nostálgico, tristemente

Caminhavam para onde ? quem eu sei

A procura dos beijos que te dei

E do quizeros gestos do meu Saulo!

Sonetillo

Mafusa varanda antiga
Sufimaldada de josa.
Quê a paudade si abija
Passo horas dolorosas.

Olho os loufes fual mundifa
De mãos farias, avarosas
Assim a forte castiga
Com espianças enfaçosa.

Olho os loufes, o horizonte
O vejo fixo além do monte
Luzes em farol distante.

Assim teu olhar escuro
F'rumba luz no futuro
Luz profunda e vacillante.

✓

Tout passe... tout casse... et tout se remplace.

Beim sei pu doi, que custa abandonar
Uma grande amor, uma ilusão yudente
Que se foi impetuosa se toda, toda a gente
Tem o dom de esquecer e de olvidar?

A sociedade não há de ser perfeita
Que não tenha defeitos a terminar
Orrim como se a vida fosse o mar
Depois de torturar-se inutilmente.

Quêdo passa e esfurei nesta vida
Até a alma mais triste e combatida
Pensava ao sol de novas ilustações

Nada perdura neste mundo tal
Mesmo ~~o~~ o destino do ^{nosso} coração
É uma escola de variação

+

Desejo intimo

Uma vida simples e sossegada
Sem altas ambições nem desaneios
Levantar-me ao romper da madrugada
Quando saubam cigarras nos cantos.

Assim queria vê-me transformada
Trocando meus altíssimos anseios
Por uns galhos de terra e uma enxada
E um olhar amoroso... Meus meus fios.

Ser camponesa alegre, desprezeira
Considerar felicidade inteira
E franco foi o Senhor que destinasse.

Casar na aldeia numas tarde calma
E ter um dia pertinho minha alma
Num fresquinho por fim em embalasse!

Cinza

Mandas-me as cinzas do feu te escrevi
Streu ginfuissimo e feu de clarad
O Amula mas streu fiando e abri
Nalou-se meu olhar de caroscat.

Stas sei o feu deubri, o feu senti
Que me fez qualqitar e caracas
Galvaz o amor, o streu feu fiendi
~~Com um culto de efimera illusad.~~
Tao falsa e pobrissima afeicar.

Cinza feu foram vida e sperancosa
E gutallos de saulho car de josa
Dos saulho feu saulho na mocidade.

Stas o resumo da Amula existencia
E rescaldo da crassa contitencia
Cinza deum grande amor lixe saudade!

Horas

Horas boas e más tantas passaram
De minha vida alegre e caprichosa
Horas azuis e horas cá de fora
Que ridentes fêmeas me criaram!

Horas boas e más que me deixaram
Esta alma insatisfeita e tormentosa
Horas cinzentas de um quembrado
Desolada e triste que tornaram.

Balauas horas em redor da vida
Uma constante e infundível lida
Espalhando tristezas e alegrias.

Horas de amor, de esperança e de feição
Quantas passaram para não voltar
Quantas rias ainda mais raras?

Na jornada da vida..... A te



O camuleiro errante, que me trazes
Kiss, alforge das grande, das fusadas?
O perfume suave dos lilases?
O ío de um poema já cantado?

Dores e tristezas? Ilusões fugazes?
O Paraíso há muito desafiado?
Se poubesses a quera que me fazes,
Ao rés-te dessa forma carregado!

Senta-te à minha porta; fãra a fui
E olha o meu olhar que te sorri
Como se já te vira em outra parte.

Camuleiro, detém-te; eu sou a fãra
Que nunca achou a vida boa e bela
E que passou os dias a esperar-te.....

6 Que eu sou

Eu sou a chama que te aquece e alegra
A melodia que te dá prazer.
A presença dum bem que sempre tenta
A verdade dum dia, dum viver.

Eu sou a fonte que te dessejenta
O primeiro claror do alvorecer
Uma canção harmoniosa e lenta
Um perfume de rosa a fechar.

Eu sou tudo o que és, tudo o que existe
Um dobre de finado, calmo, triste,
Um sorriso vibrante, tentador.

Eu sou a sombra que te refugio e que assombra
Os teus sonhos, desejos e causas,
E tu és muito mais... és quem deusas!

Exaltação!

Não ter meu coração meu sentimento,
Ser como a pedra, a rocha dura e fria,
Desculpar a Dor, o Sofrimento,
A angústia, a tristeza, a nostalgia.

Ser deixada como a chama, como o vento,
Que calcina, que apaga, que varia,
Como quem foge sem ser ciumento,
Ser uma ilha afaste, sua, bravia.

Ser tudo o que há de mau e tenebroso,
Um mar encapelado, revoltoso,
Um gremio de crime sem perdão,

Ser a aridez calma do deserto,
Ser um corpo sem alma, ou eco incerto,
Para não ter, por te esta aguilão!

Porque gosto de ti

Fazer comparações não posso, amor.
Gosto de ti sei lá como de quê!
Como do Deus em quem a minha alma creô,
Como do sol bendito e creador.

Gosto de ti; no meu olhar se vê,
O grau desta adoração superior.
Para que fui eu saber com tal rigor
Porque gosto de ti? Sei lá por quê!

Gosto de ti por ser o meu eleito,
Por ser o Ideal mais alto e mais perfeito,
Que minha alma ganhou desde criança.

Gosto de ti, por ser tu o escultor,
Que fiz a obra-prima deste amor,
Cingelando-a de fé e de esperança.

Logio de D^o

Está cantando e roba' a Primavera
Tem tanto a natureza - deusa alta -
S' enaltece a D^o, a rainha lída,
Cruel, imperiosa, mas sincera!

Está cantando a avaridade semistiva
Quem fazpa' seu deuto em cima impéria
Tem ergo um leio a glória - ra' primeira -
Que sempre a humanidade tem cativa.

Só a D^o é rainha soberana,
Só a D^o nos iguala e nos irmaná
No mesmo abraço nobre e fraternal.

Cai o poder das fontes e do mundo
Mas o da D^o mantém-se alto, profundo,
- E em forma eterno e triunfal!!

27/12/36

Que passa ao largo na calçada,
Sinto vozes e risos cristalinos,
Como quando treme de um riso
Que espalham os seus raios de madrugada,

U sator de ferreiro
Y pulperu grato e caro
E frouento

Auto-retrato

Nada tenho de belo ou de singular
Se sou igual a todos, mais a si
E nada tenho em mim que fundo o olhar
Porém, se por sou feio, não sou belo.

E o coração humano para amar
Qualidade mas não a si
Por fora do que é simples e vulgar
Porém é calma e branca face.

Se sou bondoso como as bananas, figuras
Que passam pela vida sempre obscuras
Seu fim não é de ser iluminadas.

Me sendo assim humilde e modesto
De tanto que respiro a uma raiz
Quando apanço, quando sou mais feio.

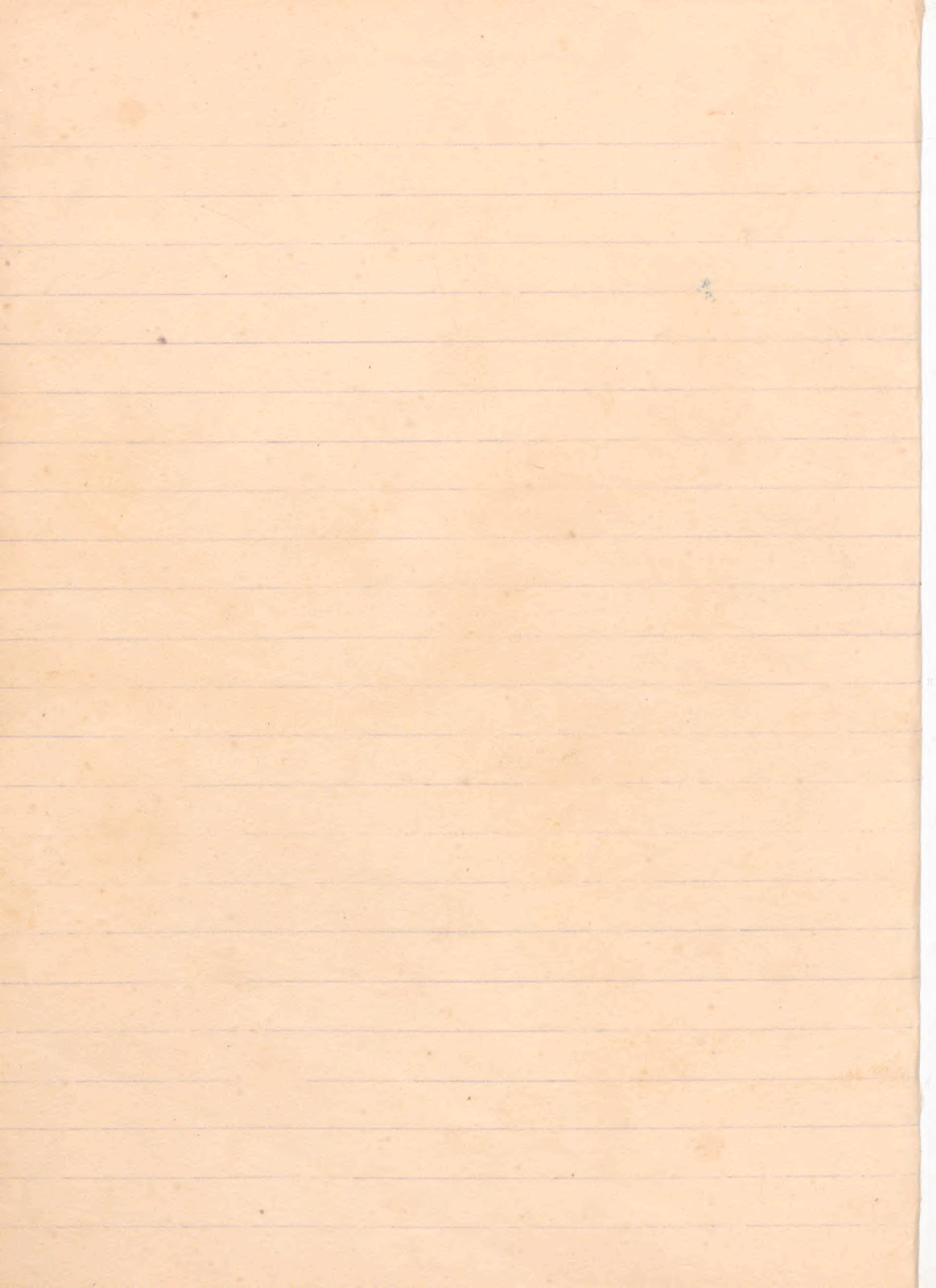
~~Deus~~ Consummatus est.

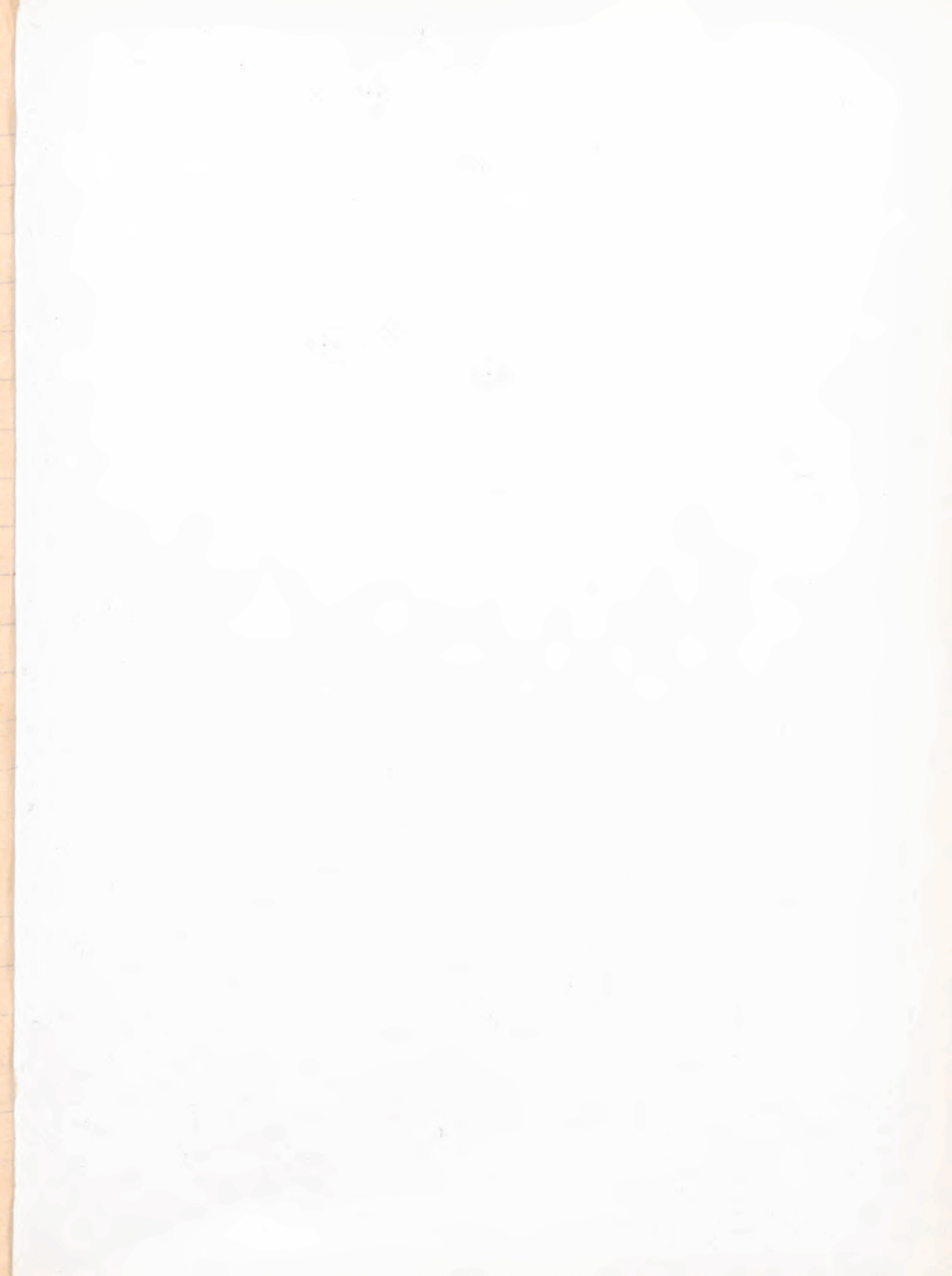
Crede me Deus, totum pro gaudio
Et in fine ante tua esca
Saber de viver pro das sido olvidados
Que tua sine munda fira a munda.

Mus tresis de amor que ti pertena
E munda qui arara munda munda!
Sera a cura fidel de tua munda,
Don a ley pro i victoris de levaro.

Fig-te cordis; alai-te ate' as cin
E munda ver pro o raba em ot munda
Dei-te o munda, lupo dunta de fira.

Mus munda, munda dei que pro munda,
Dei que dunta de o ^{ver} munda de munda munda
E tu munda munda de pro munda fira.









biblioteca
municipal
barcelos



47295

Versos de Dulce de Montalvo